

SIMPÓSIO AT036

DAS POTÊNCIAS E REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA NA CONTÍSTICA URBANO-PERIFÉRICA: UMA LEITURA DO CONTO *O PRESO*, DE MOREIRA CAMPOS.

LIMA, Luiza Sâmia Evangelista
Graduanda em Letras (IFCE) – Campus Tauá.
Integrante do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).
samiae1998@gmail.com

LIMA, Gabriela Regia de Oliveira
Graduanda em Letras (IFCE) – Campus Tauá.
Integrante do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).
gabrielaregia62@gmail.com

SOUZA, Auricélio Ferreira de
(Orientador)
Prof. do (IFCE). Doutor em Literatura e Interculturalidade
Coordenador do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).
auricelioferreirasouza@gmail.com

Resumo: O objetivo da proposta é discutir a reverberação das dimensões da violência na cena contemporânea, especificamente, no bojo da construção das narrativas literárias urbanas. Assim, através da leitura do conto *O preso*, de Moreira Campos (1914-1994), é possível constatar a presença de violência, primeiro na instância física e, conseqüentemente, na social. Na física, lê-se o encarceramento de um sujeito (Inácio) idoso, humilde, tipicamente localizado nas camadas subalternas de uma sociedade, materializada pelo narrador (em terceira pessoa) como subdesenvolvida, abandonada e desigual. A polícia é o agente empreendedor dessa violência. Prende e priva o velho por ter ferido, acidentalmente, uma das crianças que o agrediam na rua, por conta de seu defeito físico (“caroço” na face). Ato contínuo, essa violência se converte também em social, uma vez revelado que tal criança era o filho do juiz local, prevalece a primazia de uma classe (o magistrado) sobre a própria dignidade da pessoa humana, uma vez que o ferimento resultou da autodefesa do insultado, contra o grupo de crianças que o perseguiram e atormentavam na rua enquanto vendia suas bananas. A justiça é *injusta* porque defende uma classe, um status em detrimento da ordem e harmonia social.

O que nos revela esse duplo embate na tecitura desse conto? Qual a potência efetiva da violência numa proposta de reflexão crítica sobre a dinâmica do espaço urbano-periférico e suas desigualdades? E mais: como a escrita contemporânea nos ajuda a pensar este espaço contrastado?

Para sustentar essa análise nos auxilia a recorrência basicamente a três perspectivas teóricas: a Teoria Crítica (HORKHEIMER, ADORNO, MARCUSE, BENJAMIN e HABERMAS), à Crítica Pós-Colonial (SAID, CÉSAIRE, FANON, GAYATRI SPYVAK,

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, HALL e BHABHA) e, por fim, a Teoria da Representação Social (MOSCOVICI, 2003). A metodologia será a análise que parte da imanência do texto à sua contextualidade histórico-geográfica.

Palavras-chave: violência, espaço urbano-periférico, conto, processo de escrita, Moreira Campos.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the reverberation of the dimensions of violence in the contemporary scene, specifically in the context of the construction of urban literary narratives. Thus, through the reading of the tale *The prisoner*, Moreira Campos (1914-1994), it is possible to verify the presence of violence, first in the physical and, consequently, in the social instance. In physics one reads the imprisonment of a humble old man (Inácio), typically located in the subaltern layers of a society, materialized by the narrator (in the third person) as underdeveloped, abandoned, and unequal. The police are the enterprising agent of this violence. He arrests and deprives the old man of having accidentally injured one of the children who assaulted him on the street, because of his physical defect ("lump" in the face). As a result, this violence also becomes social, once it has been revealed that such child was the son of the local judge, the primacy of a class (the magistrate) prevails over the dignity of the human person, since the injury resulted from self-defense of the insult, against the group of children who persecuted and tormented him in the street while he sold his bananas. Justice is unjust because it defends a class, a status to the detriment of order and social harmony.

What reveals this double clash in the interlace of this tale? What is the effective power of violence in a proposal of critical reflection on the dynamics of the urban-peripheral space and its inequalities? And more: how does contemporary writing help us to think this contrasted space?

In order to support this analysis, the three main theoretical perspectives help us: the Critical Theory (HORKHEIMER, ADORNO, MARCUSE, BENJAMIN and HABERMAS), the Post-Colonial Critique (SAID, CÉSAIRE, FANON, GAYATRI SPYVAK, BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, HALL and BHABHA) and, finally, the Theory of Social Representation (MOSCOVICI, 2003). The methodology will be the analysis that starts from the immanence of the text to its historical-geographical contextuality.

Keywords: violence, urban-peripheral space, tale, writing process, Moreira Campos.

O conto, "O Preso", de Moreira Campos, tornou-se público em 1957 através do livro *Portas Fechadas*. O enredo, aparentemente simples, centra-se na prisão do protagonista, um "velho mirrado" por nome de Inácio, que ao ser importunado por alguns meninos acaba por golpear, acidentalmente, o filho do juiz. Antes de ser preso, o mesmo é levado pelos policiais à casa do tabelião,

onde além dele, tem-se, na condição de testemunhas oculares, porém, passivas do fato, a presença de Dr. Antero, o farmacêutico e D. Belinha. Inicia-se a teia de encadeamentos que tece a complexificação do aparentemente simples.

A partir da exposição da infração e do infrator, o enredo se adensa, revelando camadas e/ou níveis de repercussão da violência. Ali dá-se breve e velado embate sobre “ser livre” ou “ser preso”, explicitando que no jogo social marcado pela desigualdade e pela força do capital, tais condições são, antes de tudo, regradas pela posição social que o sujeito em questão ocupa dentro deste jogo. Se não, vejamos: mediante a explicação do acontecimento, Inácio suplica por sua liberdade. Inicialmente, Dr. Antero manifesta-se favorável a este intento, afirmando que: *“Isso vale nada, soltem o pobre homem!”* Entretanto, ao ser informado que a criança golpeada se tratava do filho do juiz da cidade, este perde o entusiasmo dizendo: *“Meu velho, para que você fez isso!?”* e preanuncia-se a condenação do indivíduo por sua posição na estratificação social: velho e pobre.

Assim, sobre o fato narrado, se estabelece uma dupla potência da violência: a *física* e/ou material, que é a prisão em si, mesmo em face de um acidente banal, mas também a *simbólica*, pois ainda que reconheçam a insignificância do dano provocado pelo velho homem, as “autoridades” resolvem (arbitrariamente, mesmo contra suas consciências) prendê-lo quando tomam conhecimento que a criança atingida integra a classe social que exerce a função de mando naquele contexto.

Dentro desta perspectiva de leitura, é oportuno esclarecer que nos interessa aqui a concepção de violência simbólica desenvolvida por Pierre Bourdieu (1930-2002), para quem a espécie humana, por meio de suas

práticas, constrói quatro tipos de capitais: 1) o econômico (conjunto das rendas financeiras); 2) o social (soma das redes de interação e convívio); 3) o cultural (construção educacional, envolvendo também a arte); 4) e o simbólico (que abarca noções como reconhecimento, honra, prestígio e outros). É por meio deste último que se constroem diferentes repercussões sociais de poder: noutras palavras, pelo capital simbólico, tanto as instituições quanto os indivíduos lançam mão dos artifícios capazes de persuadir o *Outro* com suas ideias, congregando-o e integrando-o ou, por outra via, excluindo-o ou mesmo, violentando-o.

Vasconcellos (2002) em uma oportuna síntese sobre as contribuições sociológicas de Bourdieu, particularmente sobre capital e violência simbólica, nos lembra que:

Através do uso da noção de violência simbólica ele tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “natural” as representações ou as idéias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apóia o exercício da autoridade. (2002, p.80)

Ao lermos o sociólogo francês, contudo, é possível perceber que o potencial de desarticulação, anulação ou aniquilação da violência simbólica sobre a sociedade reside no curioso fato de que, havendo falta de equivalência do capital simbólico entre os indivíduos ou instituições, esta forma de violência ocasiona uma espécie de cumplicidade entre aquele que a sofre e aquele que a pratica, estando ambas as partes, na maioria dos casos, inconscientes da potência e profundidade dos danos praticados ou sofridos. Assim,

(...) O termo violência simbólica aparece como eficaz para explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas lingüísticas e outras. (VASCONCELLOS 2002, p.81)

No conto em questão, essa aceitação, contudo é problematizada de forma a utilizar o personagem Inácio, como revés, resistência e transgressão desse perfil de vítima: ele é descrito inicialmente como alguém pobre, submisso e obediente ao peso das regras e leis, porém, ao ser levado ao espaço social de julgamento (a casa de Dr. Antero), surpreende a todos ao manifestar na sua fala (discurso), alta conta de sua honra, um autoconceito daquilo que, em sua compreensão manifesta, faz um homem ter honra: liberdade. Logo, há nele consciência sobre o capital simbólico. Isso é claramente percebido em uma das falas recorrentes do personagem: *“Me soltem que eu não tenho paciência de ser preso”*. Ou quando detalha ainda mais sua consciência acerca dos valores que preserva: *“Eu peço aos senhores. Me soltem, que eu não tenho paciência de ser preso. Nunca fui. É o que eu digo aos meninos lá em casa. Não tenho paciência de ser preso.”* E, mais adiante reforça: *“Nunca fui preso, e filho meu não me dá esse desgosto. Está no bom comportamento de cada um”*

É relevante o uso da marca *não ter paciência* como equivalência ao sentido de “prestar-se à”, “destinar-se”, “aceitar”. Logo, Inácio, embora claramente situado como sujeito histórico tornado subalterno (pobre, preto, vendedor de bananas) manifesta, via fala, consciência quanto à condição que o anula enquanto possibilidade de embate, labuta e resistência: ser um homem preso, cativo, recluso.

Ao fornecer esta resistência, manifestar defesa do simbólico, a fala do velho é ridicularizada, contestada, neutralizada, indicando por parte de seus interlocutores estranhamento e recusa diante da reação do subalterno à força da lei :

Riram muito com a frase. O tabelião divertia-se, vermelho e todo sacudido pela novidade. Sungava as calças com os cotovelos e comentava em volta de um para outro:

- Hein? Hein? Que tal? Esta é boa! “Não tenho paciência...”. Como é que ele diz?

Como já afirmado: há violência contra Inácio para além do ato policial de prendê-lo: o poder da compressão social quer para além disso, reduzi-lo, envergá-lo, anular também a possibilidade de sua existência simbólica. E, o resultado desta pressão sobre o sujeito é determinante para sua aniquilação material, pois após ser preso, o protagonista, que já mostrava extremo sofrimento com sua situação, descrente com a medida da justiça, comete suicídio. Ação trágica que, repercute incontestavelmente no nível das consciências (individuais e coletivas) ao longo de todo o restante do conto. Num recurso narrativo no mínimo provocador, após a morte do velho, seu pedido ecoa por entre os espaços da pequena cidade como a mais cabal denúncia da violência simbólica a que foi submetido enquanto subalterno: *“Me soltem que eu não tenho paciência de ser preso”*. Esta frase, manifesta fluidicamente pelas consciências das personagens, é reiteradas vezes repetida como reavivamento da injustiça que se opera silenciosamente no interior das sociedades estratificadas e desiguais, lembrete sobre o que a micro trajetória de Inácio representa numa estrutura macro, que se estende para além das páginas do conto.

O autor, ao fazer uso de elementos descritivos no conto ao caracterizar o precário da situação e do protagonista, possibilita que o leitor perceba essas impressões coletivas sobre o algo ou o alguém que estão implicados nessa narrativa.

O velho apanhava numa das mãos o chapéu de palha desfiado nas abas, o cabresto do jumento enrolado na outra. Pés descalços. Os cotos de unhas negras, comidos pela terra, lembravam nós. Calcanhares gretados. As calças de morim ralo e sujo, curtas nas pernas e com joelheiras. No pescoço fino e de pele engelhada, uma medalha barata num cordão sebento. Os olhos miúdos e escuros confundiam-se com a pele, lá dentro, um deles diminuído pelo lobinho.

Neste fragmento, percebe-se uma descrição de características físicas do personagem, vinculando também aos aspectos sociais. O uso de substantivo e de adjetivo enfatiza a impressão, como exemplo disto, tem-se a extração: “...No *pescoço fino e de pele engelhada...*” Ao atribuir aspectos a partes do indivíduo, o autor permite que as qualidades (na verdade, precariedades) do protagonista sejam identificadas. Inácio é índice (Cf. Semiótica) de um grupo ou classe que, historicamente desprestigiado no jogo social pelo poder, precisa receber atributos de precariedade e impotência.

O exposto acima pode ser novamente percebido no momento em que Dr. Antero irrita-se com a prisão de Inácio, vendo sua fragilidade e pobreza, mas quando sabe que o motivo tratava-se do filho do juiz, ele logo se desvia de tentar defendê-lo. Isto pode ser caracterizado como um recorte do todo que é a perpétua luta de classes, permeada por injusto processo de posicionamento dos sujeitos e pela clara “disparidade de armas”, visto que ao inserir o nome JUIZ na conversa, há nitidamente uma abrupta guinada de consciência balizada pela sobreposição de poderes.

Essa imposição de pena, este clima de compressão, enfim, atmosfera de violência simbólica, se confirma ainda no fato da parte final, decisiva (e trágica) do conto se dar em torno de um ambiente hostil, tendo em vista que o seu foco centra-se em uma cadeia. Ambientado na zona urbana, embora de uma pequena cidade interiorana, também o espaço/ambiente corrobora tal aspecto: é sintomático a narrativa ter como fluxo das cenas: a praça da pequena cidade, a casa do Tabelião e a cadeia. É a sequência da transgressão, julgamento e execução.

Igualmente sintomático da progressão da atmosfera de tensão, compressão, injustiça e violência que marca a narrativa, temos o seguinte trecho, onde se lê a descrição da cela em que Inácio fora, finalmente colocado.

(...) Por fim, foi-se acostumando à sombra: a cela era espaçosa e alta, chão de tijolo úmido, em cima um travejamento forte e antigo. Passou o dedo no tijolo e provou o barro vermelho, supondo que ali tinha guardado sal noutros tempos. Descobriu um caixão de querosene perto da janela, e acomodou-se melhor.

O tempo, outro elemento que sustenta tal atmosfera, quanto a duração dos fatos, se dá em fluxo cronológico, visto que o narrador utiliza marcações como: *“Quando no outro dia pela manhã...”* Isto também é perceptível em um trecho no começo da narrativa: *“Dr. Antero, charuto na boca, em mangas de camisa e suspensórios, derramava-se na espreguiçadeira, naquela tarde de sábado...”*. Infere-se, portanto, breve transcurso entre a infração, julgamento e trágico desfecho da trama.

Outro aspecto de adensamento da narrativa pode residir na configuração do tratamento pronominal, onde nota-se que o narrador, encontrando-se na 3ª pessoa, utiliza de palavras e ações dos personagens como canais para transmitir densidade progressiva aos fatos enredados. Embora o narrador distancie-se fisicamente dos fatos, posto não ser personagem, mostra grau apurado de consciência sobre o agravamento dos fatos e, por fim, da crise que se instaura no íntimo de cada personagem a partir da morte de Inácio. Ou seja, o narrador nos dá, ao fim do relato, repercussões do que a injustiça acrescenta à dinâmica da vida comum após o suicídio do velho.

Ademais, é perceptível que o autor procura trazer o adensamento da trama por meio do recurso de repetições. *“Me soltem que eu não tenho paciência de ser preso”*, não é apenas a súplica de Inácio, é o mote de uma consciência violada. Percebe-se isso na opção do autor em repetir nove vezes

esta sentença ao longo da narrativa, aparecendo sempre quando a personagem é pressionada ou confrontada em sua individualidade. Assim, Inácio busca em vão comunicar aos seus interlocutores seu universo simbólico, seus valores, suas convicções, particularmente, a relevância em particular da liberdade, sem, contudo encontrar qualquer consideração por parte daqueles que são responsáveis pela sua prisão.

Desse modo, podemos propor que a marca de existência do velho Inácio dentro da estrutura dessa narrativa, sua razão de ser, se encaminha para o eixo de ruptura do linear, da aparente “ordem” que pairava no cenário interiorano onde se passa o conto, para no fluxo dos fatos progredir para a máxima tensão e denúncia dos fatos encadeados: a prisão, a morte, o fim de sua trajetória de pobreza e subalternidade, mas não o desfecho da grande História. Há outros Inácios implicados, ele é apenas a ponta mais aguda de um contínuo processo de exclusão.

Referências bibliográficas

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, no 78, Abril/2002.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CAMPOS, Moreira. *Dizem que os cães vêem coisas*. 2ª edição. São Paulo: Maltese, 1993, p. 11.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras Escolhidas I).

